

Prosperidade e carnaval

ESTADO DE SÃO PAULO

16 FEV 1993

Em depoimento que prestou recentemente ao *Estado* o ex-ministro Mário Henrique Simonsen fez uma séria advertência: é fácil reanimar a economia por alguns meses, mas tudo será tão passageiro quanto a ilusão do carnaval, em que a fantasia dura apenas três dias. Ao fazer tal ponderação, o economista não esconde sua preocupação diante do fato de o governo não estar dando prioridade ao combate à inflação, embora sabendo que não há nenhuma possibilidade de manutenção de um crescimento sustentado com um descompasso de 30% ao mês.

Verifica-se, efetivamente, que o presidente Itamar Franco anda muito popular: o desemprego decresceu um tanto e prometeu-se ao povo um automóvel "barato". O que não significa que os trabalhadores tenham seu emprego assegurado a longo prazo nem tampouco que possam se alimentar devidamente amanhã. A luta contra a inflação requer prioridade e, para tanto, não se precisa recorrer a medidas heterodoxas.

Para Mário Henrique Simonsen, as medidas a adotar são simples: maior independência, por exemplo, ao Banco Central, para desobrigá-lo desses finan-

ciamentos ao setor público que, conforme já lembramos, nem por serem disfarçados, são menos nocivos e contrários à Constituição. Cumpriria igualmente dar-se fim às empresas estatais que, salvo raras exceções, não representam receitas para o Estado mas agravam e, muito, o déficit público. Para que a isso se chegue, é imprescindível elaborar um programa de privatização rápida em que não se estabeleça diferença entre dinheiro vivo e as chamadas "moedas podres", que são títulos da dívida do governo.

Ora, hoje, uma das fontes principais da inflação é justamente a dívida interna, acrescida do seu serviço, que absorve mais de 4% do PIB. Pode-se imaginar o que representaria a inexistência de tal serviço ou, pelo menos, sua redução em termos de crescimento econômico e de queda dos preços. Um adequado programa de privatização pode contribuir para tal redução e, no que respeita ao restante, seria possível ao mesmo tempo alongar o perfil da citada dívida e reduzir a taxa de juros, o que daria oxigênio à nossa economia. As receitas do ex-ministro não são complicadas e foram adotadas com êxito em outros países. No Brasil seria diferente?...